



RELAÇÕES DE PODER NA PESQUISA DE CAMPO SOCIODIALETAL: ALGUMAS REFLEXÕES NECESSÁRIAS

POWER RELATIONS IN SOCIO-DIALECTAL FIELD RESEARCH: SOME NECESSARY REFLECTIONS

Greize Alves da Silva 1
Patrícia Andréa Borges 2

Resumo: Muitas são as discussões que giram em torno de questões que envolvem a principal etapa do trabalho dos dialetólogos e sociolinguistas: a coleta de dados *in loco* e a interação face-a-face com o informante, assim como a espontaneidade da elocução, tendo em vista a presença do inquiridor em uma situação de entrevista. É interesse deste trabalho apresentar uma breve contribuição teórica acerca da temática, ilustrada com exemplos extraídos da coleta de dados para o Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins para, assim, propormos algumas diretrizes para os futuros pesquisadores de campo, na perspectiva de minimizar o que se intitula em pesquisas sociodialetais de “paradoxo do observador”.

Palavras-chave: Pesquisa Sociodialetal. Relações de Poder. Paradoxo do Observador.

Abstract: Many are the discussions that revolve around questions that involve the main stage of the work of dialectologists and sociolinguists: the collection of data *in loco* and the face-to-face interaction with the informant, as well as the spontaneity of the elocution, regarding the presence of the inquirer in an interview situation. It is of interest to this work to present a brief theoretical contribution on this issue illustrated with examples extracted from data collection for the Atlas Linguístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins (Tocantins Topodynamic and Topostatic Linguistic Atlas), in order to propose some guidelines for future field researchers, with a view to minimizing what in socio-dialectal research is called the “observer’s paradox”.

Keywords: Socio-Dialectal Research. Power Relations. Observer’s Paradox.

-
- 1 Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina. Atualmente é professora do curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGLEtras), da Universidade Federal do Tocantins, campus de Porto Nacional. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4978318468793519>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2589-6750>. E-mail: greize_silva@uft.edu.br
 - 2 Doutoranda em Linguística pelo Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (IEL-Unicamp). Mestre em Linguística pela mesma instituição, com ênfase em Linguística Histórica. Graduada em Português e Grego Antigo pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9333805995429243>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3803-4567>. E-mail: pattyaborges@gmail.com.
- 

Introdução: toda forma de poder¹

Para Michel Foucault (1998, p. 143), na contramão do pensamento marxista clássico, o poder é uma relação. Não é apenas institucionalizado pelos Aparelhos Ideológicos do Estado (ALTHUSSER, 1992), uma questão econômica, de classe social ou o papel que o indivíduo ocupa nas relações de produção, mas, para o autor, o poder é relação (FOUCAULT, 1998, p. 175, 248), é exercício e exercido de maneira assimétrica em qualquer ambiente. A assimetria nos mostra que essa relação é desequilibrada. Sendo assim, para Foucault (2006, p. 231) ninguém está fora das relações de poder, porque o poder é exercido como um feixe de relações (FOUCAULT, 1998, p. 248), é uma rede que conecta inúmeros laços (FOUCAULT, 2006, p. 330) e nós: todos exercem poder ao mesmo tempo que recebem o exercício dele.

Nas relações de poder foucaultianas ninguém detém completamente o monopólio todo o tempo, há alternância - a relação é assimétrica: controlador e controlado (FOUCAULT, 1994) constantemente trocam de posição - e está presente em todos os espaços e situações. Para o autor, as relações de poder não são negociáveis: não é algo que se tem e deixa de ter (nem é alguma coisa, porque é um exercício); o poder está nas microrrelações, dentro dos grupos sociais e está em todos os níveis das relações (FOUCAULT, 2006, p. 244).

Essas complexas associações de poder norteiam as relações sociais, já que o poder emana de tudo, em todos os âmbitos da vida em sociedade, é descentralizado, assimétrico, capilarizado (FOUCAULT, 1998, p. 250; 2006, p. 161) e permite novas formas de controle social.

Aplicando o pensamento foucaultiano na pesquisa de campo sociodialetal, podemos compreender que as relações de poder experimentadas por inquiridor/informante vão de alguma forma interferir nas respostas de questões mais subjetivas, como crenças e atitudes linguísticas, entre outras. A presença do pesquisador torna a relação de poder desigual, já que pode ser facilmente representada como o pesquisador, que representa a Instituição Educação/Universidade, exercendo maior poder sobre informante/sociedade. Ao mesmo tempo, o segundo exerce grande poder sobre o primeiro, já que a Instituição Universidade/ Pesquisa é diretamente financiada pela sociedade, ali na entrevista, representada pelo informante. São relações complexas e exercidas de forma assimétrica, dependendo do ponto de vista.

Para Thun (2017 [2015]), a importância dessa dinâmica interacional repousa, principalmente, no fato de que o informante só irá utilizar sua verdadeira fala espontânea, objeto da coleta sociodialetal, com quem realmente possui laços de confiabilidade, não sendo um estranho, alheio à comunidade, o entrevistador. É o que se irá discutir no tópico “A coleta de dados *in loco* e a relação entre inquiridor e informante”. Em “Os dados dialetais e a conduta do inquiridor: alguns exemplos práticos” trouxemos algumas situações ocorridas e maneiras pelas quais podem ser realinhadas na entrevista/pesquisa, com caráter mais ilustrativo. E finalizamos este texto com “possíveis encaminhamentos” e alguns caminhos que os pesquisadores/ inquiridores podem percorrer para minimizar, no que for possível, as assimétricas relações de poder da teia foucaultiana.

A coleta de dados *in loco* e a relação entre inquiridor e informante

Se olharmos a partir de uma lente historiográfica, foi com base no movimento Neogramático que emergiu o principal pilar metodológico de disciplinas que tem como recurso para formação dos *corpora* a pesquisa de campo (Dialetoлогия, Geolinguística e Sociolinguística, por exemplo), como aponta Câmara Jr. (2006, p. 105): “trouxo realmente, à ciência da linguagem, princípios mais exatos” por apresentar à comunidade maior rigor científico aos estudos de natureza linguística.

Apesar das críticas envolvendo os preceitos neogramaticistas no que se refere à variação e à mudança linguística, o rigor metodológico indicado por essa escola levou ao aprimoramento de técnicas empíricas para se analisar os fenômenos ligados à língua, além de propiciar terreno fértil para o debate acadêmico em torno da temática. Nesse contraste de ideias são importantes as concepções de Shuchardt (1842-1927) e Meillet (1866-1936) sobre a relevância de se analisar o

¹ Referência à música “Toda forma de poder”, Engenheiros do Hawaii, 1986, do álbum “Longe Demais das Capitais”.

falante e o contexto social deste para se compreender como se processam as mudanças em termos de língua (FARACO, 2005).

Nesse profícuo cenário que se consolidam na França os trabalhos de Jules Gilliéron e a metodologia linguístico-dialetológica sedimentada na pesquisa *in loco*, cujos dados são recolhidos diretamente do responsável pelas variações: o falante². Especificamente para o caso do ALF – *Atlas Linguístico da França*, Gilliéron recorreu ao não linguista Edmond Edmont para atuar como seu inquiridor/pesquisador de campo³ e essa escolha deveu-se à preocupação de Jules para que não houvesse “retoques” no *corpus* coletado, o que poderia ocorrer, segundo ele, caso os dados fossem recolhidos por um linguista ou filólogo (VENY, 1985; BRANDÃO, 1991). Em outras palavras, o retoque, o ajuste ou correção e o direcionamento linguístico que o pesquisador-inquiridor poderia fornecer dentro das entrevistas já era uma preocupação por parte de Gilliéron.

O desvelo genuíno do dialetólogo pioneiro levou-o a adotar alguns procedimentos na tentativa de minimizar a presença do inquiridor e sua possível influência nas respostas do entrevistado, o que muitas décadas depois foi retomado por Harald Thun como “método de redução” e “consiste em condicionar o informante, sempre da mesma forma, através de perguntas rápidas, permitindo somente a primeira resposta dialetal, sem possibilitar complementos, correções e comentários (THUN, 2017 [2005], p. 86-87). Infelizmente, essa metodologia exclui a possibilidade da coleta de dados intraindividuais, ou seja, questões de natureza diafásica, como interlocução diferentes, contatual/dialingual ou aquelas que exijam reflexão sobre a língua e seu contexto de uso (metalinguísticas e epilinguísticas).

Apesar dos efeitos ocasionados pelo método de Gilliéron, é inegável que o ALF tenha fornecido novos horizontes teóricos e metodológicos para a investigação linguística, pois:

[...] o registro direto de formas mais antigas nos diferentes dialetos, foi possível completar empiricamente as investigações baseadas até então apenas em textos arcaicos. Desvelou-se assim uma inestimável fonte de dados vivos para confirmar o processo de mudança que, sem a dialetologia, teria ficado apenas no terreno da reconstrução hipotética (FARACO, 2005, p. 183).

Ao longo dos séculos, outras incorporações e filiações teóricas imprimiram na técnica de recolha de dados novos direcionamentos, como foi o caso da Sociolinguística, manifestada em contexto americano e, diferentemente da Dialetologia, que visava abordar o aspecto diatópico, à Sócio cabia a coleta de dados com foco no escopo social.

Surgida na década de 60, a Sociolinguística objetiva a análise sistemática, diacrônica e sincrônica, da variação a partir da convergência entre variantes linguísticas e variáveis extralinguísticas (idade, sexo, escolaridade) dentro de um contexto social (MORALES, 2004) e, nesse panorama, é de fundamental importância o proposto por Weinreich, Labov e Herzog (1968) quanto aos problemas que qualquer teoria da variação deve se ocupar: fatores condicionantes, transição, encaixamento, avaliação e implementação.

Especificamente sobre o quarto problema, a *avaliação*, é que repousa um dos pilares da problematização deste artigo, pois o item seria destinado à analisar a forma em que os membros de uma comunidade apreciam a mudança linguística e como essa valoração, por parte do falante, pode influenciar nos processos de variação e de mudança (FARACO, 2005). Como essa análise envolve questões de natureza apreciativa, é de certa forma um campo subjetivo, tanto para coleta, quanto para a análise e, por esse motivo, busca respaldo em outras áreas do conhecimento, da Psicologia Social, por exemplo (vide Lambert e Lambert, 1972).

2 Segundo Pop (1950, p.109), anteriormente à Gilliéron, Charles Joret havia recolhido dados *in loco* para seu trabalho *Flore populaire de la Normandie* (Paris, Maisonneuve, 1887, in-80, LXXXVIII-338 p.)

3 Para discussão sobre os requisitos necessários para se tornar um pesquisador de campo em pesquisa sociodialetal: SILVA; AGUILERA. Os atlas linguísticos brasileiros e o inquiridor: em busca de uma metodologia adequada (2009). Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4247/4607>. Acesso em: 27 jan. 2022.

Cabe ainda destacar que o subjetivismo a que uma pesquisa de campo poderia incorrer, em linhas mais gerais, já era uma preocupação de Labov como pode ser evidenciado em seu conhecido paradoxo do observador, pois “[...] o objetivo da pesquisa linguística na comunidade deve ser descobrir como as pessoas falam quando não estão sendo sistematicamente observadas – no entanto, só podemos obter tais dados por meio da observação sistemática” (LABOV, 2008, p. 244).

A situação de entrevista e a presença do inquiridor, muitas vezes, desconhecido do informante, cria uma barreira que dificulta a coleta do vernáculo puro, sem monitoramento: “[...] de um lado, o pesquisador necessita de grande quantidade de dados que somente podem ser coletados através de sua participação direta na interação com os falantes; de outro, essa participação direta pode perturbar a naturalidade do evento” (TARALLO, 1997).

Para isso, Labov (2008, p. 244-245) fornece indicativos metodológicos na tentativa de minimizar o efeito entrevistador-entrevistado, dentre os quais: desviar a atenção do informante com pausas durante entrevista; suscitar perguntas ou narrativas que envolvam as emoções do informante, risco de morte, por exemplo; utilização de “natural-groups” cujo inquiridor pode ou não estar presente.

No Brasil, o Projeto Norma Culta Urbana (NURC), surgido na década de 70, foi pioneiro na aplicação de técnicas mais apuradas para a recolha sistemática de dados linguísticos e foi baseado no *Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Lingüística Culta de las Principales Ciudades de Iberoamérica y de la Península Ibérica*. Em solo brasileiro foi responsável pela recolha de dados em cinco capitais: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre, com informantes estratificados: universitários e pertencentes a três faixas etárias distintas (NURC RJ, s/d.⁴)

Em relação ao tipo de coleta, o NURC abarcou basicamente três modalidades distintas: i) elocuições formais (aulas e conferências); ii) diálogos entre informante e Documentador sobre assuntos estipulados (DID) e diálogos entre dois informantes (D2). Nota-se que o projeto abarcou maior número de formas de coleta para minimizar o paradoxo do observador e deixar a elocução mais espontânea, sobretudo na adoção das premissas de Labov sobre o *natural-groups*, no NURC identificado como o padrão D2.

Discussão semelhante ocorrida algumas décadas antes é encontrada em Jaberg e Jud, especificamente sobre pesquisas em Dialetologia, pois, para os autores a situação de entrevista incitada por meios artificiais e cujos informantes desconhecem o entrevistador leva-os a escolhas responsáveis que julgam agradar e impressionar o inquiridor (JABERG; JUD, 1928, p. 180 *apud* THUN, 2017, p. 88). Ter uma professora fazendo perguntas de um questionário, por exemplo, retoma, para o informante, o ambiente escolar onde se tentava responder “certo” para o professor, por exemplo. Não raro, nota-se esse tipo de atitude quando nos inquéritos linguísticos se faz uma pergunta ao informante e este, após sua resposta, pede a confirmação ao inquiridor: “É isso?”, “está certo?”.

[...] o êxito da interação social redundando, frequentemente, no talento de inferir ou deduzir a natureza dos pensamentos, sentimentos e tendências reativas dos outros, a partir de indícios muito sutis do comportamento. Na realidade, é uma característica comum do pensamento humano fazer inferências sobre as atitudes dos outros e regular as nossas próprias ações em conformidade (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 79).

Trata-se de uma entrevista, mas não deixa de ser uma situação “artificial”, como o ambiente escolar: a presença de alguém fazendo perguntas, coloca o inquiridor na posição de “superioridade intelectual”. O informante pode achar que sua resposta precisa realmente de validação. Para isso, o fator extralinguístico do inquiridor pode nortear a resposta (o olhar, uma sobrancelha que levanta, uma expressão facial ou corporal mesmo do inquiridor pode ou não ser a resposta a uma validação de resposta). Sendo assim, o ambiente da entrevista sempre será uma “falsa normalidade” porque

4 Disponível em: <https://nurcrj.letras.ufrj.br/>. Acesso em: 18 fev. 2022.

o informante está sendo “inquirido” o tempo todo. A condução da entrevista, a forma de agir do pesquisador, sua variedade linguística e as escolhas lexicais levam o informante a ter mais ou menos intimidade com a situação de entrevista.

Mas a utilidade da técnica do questionário está frequentemente limitada porque os entrevistados, mesmo quando respondem anonimamente, tornam-se desconfiados e representam mal seus pensamentos e sentimentos (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 105).

Mais recentemente, com a Geolinguística Pluridimensional e Relacional, esse panorama tem sido amplamente discutido e novas formas de coleta de dados têm sido testadas. Para Thun (2017 [2005]), a própria duração da entrevista pode ser fator significativo no menor ou maior grau de intimidade entre entrevistador-entrevistado, ou seja, talvez, quanto maior a duração da entrevista, mais próxima será a relação entre ambos, o que pode ser evidenciado nos dados do ADDU - *Atlas Lingüístico y Diastrático del Uruguay*⁵, com entrevistas que duraram aproximadamente 16 horas, e do ALGR – *Atlas Lingüístico Guarani-Românico*, entre 8 e 10 horas, por exemplo.

Em tese, ao longo da entrevista, o informante vai se familiarizando com o inquiridor e quanto mais tempo decorrido, menor o seu grau de monitoramento no contexto da fala. Neste sentido, o Projeto *Atlas Lingüístico do Brasil* incluiu as questões de Crenças e Atitudes⁶ no final do Questionário, quando, possivelmente, já se passaram algumas horas e há maior interação entre informante e inquiridor, exemplo seguido por muitas obras dialetais, o *Atlas Lingüístico Topodinâmico e Topoestático do Tocantins* (ALITTETO).

Na Psicologia Social, berço da teoria das Crenças e Atitudes, no campo da Sociolinguística, Lambert e Lambert citam a chamada técnica dos falsos pares (*matched guise*), como umas das formas de se analisar a inferência e medição das atitudes fornecidas pelo informante quanto às questões metalingüísticas e epilingüísticas em pauta. A técnica consiste em:

[...] apresentar a um grupo de “juízes” (ouvintes que farão julgamentos) gravações de falantes perfeitamente bilíngues lendo a mesma passagem de um texto duas vezes: em um primeiro momento, na própria língua (por exemplo, o francês) e, em um segundo momento, em outra língua (por exemplo, o inglês). A esses juízes é requerido que ouçam as gravações e avaliem as características pessoais de cada falante usando as pistas vocais e de leitura. Nessa avaliação, apresentam-se características positivas e negativas relacionadas a itens como competência (p. ex.: inteligência, autoconfiança, ambição) integridade pessoal (p. ex.: sinceridade, caráter, confiabilidade) atratividade social (p. ex.: sociabilidade, empatia, senso de humor). Os juízes, entretanto, não têm conhecimento de que, na verdade, trata-se das mesmas pessoas ora lendo o texto em uma língua, ora lendo-o em outra (BOTASSINI, 2013, p. 54).

O estudo utilizando a técnica foi aplicado em Montreal, Canadá, na tentativa de averiguar como os diferentes grupos reagiram às gravações recitadas em francês e em inglês. Lambert e Lambert destacam que os de fala inglesa foram mais positivamente avaliados, indicando que esses eram mais altos, mais inteligentes, seguros e amáveis (1972, p. 84), questões essas que podem denotar estigmatização social em relação ao grupo minoritário franco-canadense. Ainda segundo

5 Para relato de pesquisa, vide Semino (2009): La experiencia metodológica del Atlas Lingüístico Diatópico Y Diastrático del Uruguay (ADDU). Disponível em: <http://repositorio.furg.br/handle/1/2468>. Acesso em: 03 de fev. 2022.

6 Intituladas no Questionário do ALiB (2001) como “Questões Metalingüísticas”.

os autores, caso semelhante é verificado em imigrantes e sua língua quando “[...] tentam libertar-se de seus hábitos e línguas o mais depressa possível, pois compreendem que os juízos sociais dos membros do grupo estabelecido são frequentemente influenciados por atitudes etnocêntricas estereotipadas” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 85).

A proposta de análise prevista na teoria de Lambert e Lambert é importante, na medida em que busca um tipo de avaliação às cegas, utilizando uma escala de gradação, assim, em tese, o entrevistado acessaria mecanismos cognitivos e forneceria respostas espontâneas sobre a forma de falar dos demais grupos. No entanto, uma questão precisa ser ponderada: *todos são realmente verdadeiros na interação com o outro, sobretudo em uma situação de entrevista?* A resposta foi fornecida pelos próprios precursores da teoria quando indicam que “[...] se lhe pede que exprima ou examine suas atitudes, a maioria das pessoas dá descrições incompletas, superficiais e, muitas vezes, deformadas das mesmas” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 80). Ou seja, o falante vai “maquiar” a crença com a atitude linguística que o entrevistador espera dele.

Brait (1999) diz que no processo de interação⁷ presente em um diálogo há vários fatores que estão implícitos e que influenciam diretamente, para este texto, especificamente, nas respostas sobre crenças e atitudes linguísticas:

- 1) as estruturas de poder: se os participantes da conversa são do mesmo sexo, faixa etária compatível, estado civil, formação escolar, profissão e “mesmos direitos na situação de comunicação focalizada” (BRAIT, 1999, p. 193);
- 2) “o que não é dito”: a forma como o questionário é respondido pelo informante, tais como, a gesticulação, a entonação, as expressões faciais, entre outros aspectos que estão presentes na interação “não-verbal” compõem a dinâmica do evento que consiste na entrevista. Os falantes colocam em prática não somente suas competências linguísticas, mas também as “não-linguísticas”, o que possibilita o entendimento em diferentes contextos comunicativos;
- 3) jogo da linguagem: a interação entre o inquiridor e o informante possibilita a construção de um “texto” em que cada um desempenha um papel, guiado ou não por uma hierarquia e, como em um jogo, as posições-sujeito⁸ são empregadas na atuação sobre o interlocutor. Estas manifestações se identificam, em cada uma delas, com o contexto sócio-histórico-discursivo em que estão inseridas;
- 4) “o olhar avaliativo”: confere ao informante a percepção/sensação de estar sendo “observado” e, ao pesquisador/entrevistador, a competência avaliativa, analisando aspectos linguísticos e extralinguísticos que, ausentes ou presentes, determinam e caracterizam o processo interacional entre inquiridor e informante, podendo ou não interferir/direcionar as respostas do entrevistado.

Como a pesquisadora se apresenta e fala sobre a pesquisa que está realizando, o informante sabe que sua linguagem está em “pauta” e tentará monitorá-la, elaborando, reelaborando e autorreparando sempre que possível, pois sabe que sua linguagem está sendo analisada pelo inquiridor. Por vezes, avançam para a “hipercorreção”, colocando pronomes em posições que eles acham de prestigioso, hipercorrigindo a própria fala na tentativa de «impressionar» o pesquisador/entrevistador.

Ainda há a presença do gravador que pode direcionar a maneira pela qual o informante preserva a sua “imagem linguística pública”, posto que além de ser ouvido naquele momento pelo inquiridor há outras pessoas que ouvirão suas respostas, demonstrando que naquele jogo de linguagem há ouvintes não-explícitos (a Instituição “Universidade”, por exemplo) que também irão avaliar sua linguagem. Essa autoimagem pública construída socialmente também busca aprovação e reconhecimento (BROWN; LEVINSON, 1978 *apud* BRAIT, 1999, p. 198-199). Portanto, tendo

7 “A interação é um componente do processo de comunicação, de significação, de construção e que faz parte de todo ato de linguagem. É um fenômeno sociocultural, com características linguísticas e discursivas passíveis de serem observadas, descritas, analisadas e interpretadas” (BRAIT, 1999, p. 194).

8 “Todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser agente de uma prática se se revestir da forma de sujeito. A “forma-sujeito”, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais.” (ALTHUSSER, 1978, p. 67).

em vista os aspectos apresentados aqui, percebe-se que a construção do processo interacional é complexo e interfere diretamente nas respostas obtidas no que tange às crenças e, principalmente, nas atitudes linguísticas.

Os dados dialetais e a conduta do inquiridor: alguns exemplos práticos

Como discutido até o presente momento, em pesquisas sociodialetais, Dialetoologia e Sociolinguística, a pesquisa *in loco* é de fundamental importância e comumente os questionários utilizados como instrumento de coleta são subdivididos para contemplar diferentes aspectos da língua. No caso do ALITTETO, o questionário possui quatro macroagrupamentos: 1) Fonético-fonológico, 2) Semântico-lexical; 3) Morfossintático e 4) Crenças e atitudes.

No primeiro subquestionário, *Fonético-fonológico*⁹, buscam-se as diferentes formas de realização dos sons e suas possibilidades de combinação. Nesse sentido, as perguntas são praticadas utilizando o “efeito-gatilho”, ou seja, o inquiridor parte de uma pergunta onomasiológica para se obter uma resposta muito específica, um item previamente estabelecido para se analisar posteriormente algum aspecto sonoro.

Em trabalho sobre o tema, Yida, Gholmie e Vasconcelos (2018) descrevem as estratégias usadas pelos pesquisadores de campo do *Atlas Linguístico do Brasil* para a obtenção do item “aftosa” “e tem por escopo verificar se há o registro do processo fonético-fonológico denominado suarabácti ou anaptixe – com a inserção da vogal /e/ ou /i/ na fala, resultando em af[e]tosa ou af[i]tosa –, somada ou não à aférese (queda da primeira vogal do vocábulo)” (YIDA, GHOLMIE; VASCONCELOS, 2018, p. 35).

Nota-se, pelos dados analisados pelas autoras, que o desconhecimento do referente solicitado nesse tipo de questão pode estar atrelado ao desuso do signo, premissa elencada a partir da constatação de que “aftosa” é mais facilmente coletado nos informantes da região Centro-Oeste, região com lida mais premente com o gado, do que no Sudeste, por exemplo. Além disso, é interessante observar que

Em um panorama geral, para o êxito em inquéritos geolinguísticos, importa o conhecimento de mundo, tanto no que concerne ao inquiridor – em relação à realidade histórico-econômico-social da localidade em estudo –, quanto ao informante – que pode trazer a variante como parte do seu vocabulário ativo. Há que se reconhecer, portanto, que o informante às vezes não é capaz de buscar em sua memória a variante inscrita no caput da questão por não estar inserida no arcabouço lexical de seu cotidiano (YIDA; GHOLMIE; VASCONCELOS, 2018, p. 51).

Além do possível desconhecimento do item por parte do entrevistado, outros problemas fazem parte da coleta de dados e são encontrados no Questionário Fonético-Fonológico (QFF). Outro resvalado muito comum por parte dos inquiridores é decorrente do próprio cansaço ocasionado, por vezes, pela exaustiva carga de trabalho, cujo entrevistador acaba por adiantar a resposta no momento da formulação da pergunta. No exemplo a seguir o inquiridor deveria indagar ao informante: o objeto que se usa para tomar a sopa, mas o pesquisador acaba por pronunciar:

(021)

¹⁰INQ.- A **colher se come de garfo e faca**. E a sopa, com que se toma?

INF.- Com a **colher**, né? (02 - Araguatins)

9 No ALITTETO foram aplicadas 105 perguntas deste subquestionário.

10 INQ. é a abreviação de “inquiridor” e INF. de “informante”.

Ou neste outro exemplo em que se busca o item “número:

(047)

INQ.- **Catorze** não é número, é letra. Catorze, aliás, desculpa, catorze não é letra, é o quê?

INF.- Número (risos).

Por outro lado, ainda no âmbito do QFF, um bom exemplo de estratégia de obtenção consta no trecho a seguir, referente à pergunta em que se busca o item *elétrico*, utilizando como formulação a associação entre ferro à brasa¹¹ e ferro elétrico. O informante, jovem, neste caso, apresenta dificuldades na resposta, quando o inquiridor apresenta outra formulação, agora utilizando algo da vivência da entrevistada, o resultado foi positivo, como evidenciado no fragmento a seguir:

(009)

INQ.- Antigamente, para passar roupa as pessoas usavam o ferro à brasa, e hoje em dia usa qual?

INF.- Ferro de passar. É...

INQ.- É à brasa ainda?

INF.- Não.

INQ.- Qual que é?

INF.- Conheço mehmo só como ferro de passar. Num tô lembrado o nome.

INQ.- Por exemplo, como é o nome daquela cerca que as pessoas colocam em cima do muro?

INF.- Cerca elétrica?

INQ.- E o ferro é o quê?

INF.- Elétrico (risos) Eu cunheço mais como ferro de passá, só, eu nunca tinha visto falá assim não. Ferro elétrico (01 - Araguatins).

Diferentemente do subquestionário *Fonético-Fonológico (QFF)*, o *Semântico-Lexical (QSL)* busca vários nomes para um mesmo referente, podendo o informante responder ao questionamento de acordo com sua variante, sua vivência de mundo e os objetos que fazem parte da realidade dialetal. Nesse sentido, essa parte do questionário exige do inquiridor maior atenção na averiguação se o informante compreendeu o que se pede e, em caso negativo, este esteja apto a fazer a reformulação necessária.

Nosso QSL comportou 170 perguntas, distribuídas em 14 campos semânticos e desse número os que mais apresentaram alguma tipo de dificuldade foram os que envolvem conceitos já não muito presentes no universo do informante, tais como: *acidentes geográficos, fenômenos atmosféricos, astros e tempo e atividades agropastoris*. Em contrapartida, os campos *convívio e comportamento social, jogos e diversões infantis e vestuário e acessórios* não apresentaram alto grau de dificuldade.

Os principais obstáculos auferidos têm relação com o desuso do signo linguístico por parte dos informantes, então, neste sentido questões ligadas ao mundo físico, fenômenos da natureza

¹¹ Aqui, cabe acrescentar que ferro à brasa pode se tratar de um arcaísmo e também, por este motivo, informantes mais urbanos não consigam estabelecer essa associação.

são mais desafiadores ao informante, sobretudo os jovens¹².

Outro fator que também incide no dado coletado refere-se à própria idade do inquiridor, que demanda, muitas vezes, em maior ou menor conhecimento dos objetivos que se está buscando por meio do questionário. No ALITTETO, dos quatro entrevistadores, três deles eram jovens, menos de 25 anos, universitários e urbanos e, muitas vezes, notamos certa falta de traquejo na formulação e reformulação das perguntas, assim como um certo desconhecimento em campos semânticos específicos, normalmente do mundo mais ruralizado.

O inquiridor utiliza-se de um vocabulário muito formalizado, usando as palavras inseridas no Questionário, na interação com o informante, especificamente na formulação do pergunta que visava variantes para uma chuva específica, que no Tocantins, poderia ser *invernada*, por exemplo: “Como se chama uma chuva forte e **contínua**”, cujo termo é desconhecido pelo falante. Esse fato incide diretamente nas “relações de poder” com o inquiridor como representante da instituição Universidade, marcado pelo uso de um vocabulário mais rebuscado. Seria mais adequado que o entrevistador, após a primeira formulação e diante da negativa do informante, realizasse a seguinte reformulação: “Como se chama um tipo de chuva **que às vezes dura dias**”.

Outro pequeno lapso do entrevistador é acabar por adiantar alguns fragmentos da resposta, talvez por ansiedade, como em:

(060)

INQ.- E quando ele não tem, fala que é o boi **sem** [...]?

INF.- **Sem** chifre?

O próximo exemplo acaba sendo um pouco mais grave, uma vez que o inquiridor mudou o referente solicitado no questionamento que visava as variantes para a parte alta do pescoço do homem, comumente conhecido por *pomo-de-adão* ou *gogó*. No entanto, a formulação da entrevistadora buscou outro tipo de “item”:

(083)

INF.- [como se chama] E essa parte [...] é como se fosse **uma doença** que dá, que ela fica mais alta?

INF.- Papo, bócio.

Bócio é um tipo de inchaço na região da garganta, caracterizada por um aumento do volume da glândula tireóide, significação muito distante da que se busca no Questionário por meio das designações para a proeminência laríngea, mais visível na garganta masculina, interpretadas como *pomo-de-adão* ou *gogó*, uma característica física.

Neste sentido, é muito importante que toda a equipe conheça o questionário, o tipo de item a ser coletado e as possíveis estratégias para obtenção do que se busca. Faz-se necessário treinamento e diálogo com a equipe, assim como a feitura de inquéritos experimentais, como o preconizado pelo Projeto Atlas Linguístico do Brasil, cujo aspirante a inquiridor deveria “enviar um inquérito experimental para avaliação por um membro do Comitê” (COMITÊ NACIONAL, ATA DA XVII REUNIÃO, 2004).

Outro subquestionário cuja atuação do inquiridor é de suma importância para análises posteriores do *corpus* é do de *Crenças e Atitudes Linguísticas*, em que se buscam relatos linguísticos e epilinguísticos dos informantes, na tentativa de examinar as “opiniões” sobre questões da língua. No ALITTETO são nove perguntas de caráter opinativo, do tipo: “1.Como chama a língua que você / o(a) senhor(a) fala?; “2.Tem gente que fala diferente aqui em _____ (*citar a cidade onde está*)? *Se houver, identificar os grupos “que falam diferente”. Exemplos?*; 3.Esses modos de falar são feios

¹² Em trabalho sobre o tema, Silva e Borges (2019) analisam os traços de ruralidade no léxico presente no campo das atividades agropastoris e, especificamente, na questão 028: ponta roxa do cacho da bananeira há alto índice de não-respostas por parte dos 96 informantes (24%), em sua maioria, jovens.

ou bonitos?”, por exemplo.

Questionamentos dessa natureza têm sido de grande importância para se explicar mecanismos de difusão e propagação de variantes linguísticas em dada comunidade e pesquisadores têm atrelado três tipos de atitudes do falante nesse tipo de coleta: positiva, quando o informante avalia seu modo de falar ou dos outros de forma positiva; negativa, quando enxergam sotaques ou outras questões com palavras de rejeição; e neutras, quando o falante não demonstra nem atitudes positivas nem negativas.

No entanto, ao analisarmos os trechos em que poderíamos julgar que o falante utilizou-se de neutralidade, notamos que essa questão está muito mais restrita ao jogo interacional entre entrevistador e entrevistado, sendo essa neutralidade uma possível forma do sujeito não se posicionar discursivamente. Ou seja, mesmo quando não se posiciona, há um posicionamento implícito; um tipo de silenciamento que manifesta uma determinada opinião. É possível que quando o sujeito não consiga verbalizar sua posição, ele apenas não queira manifestar seu ponto de vista ideológico mediante o interlocutor. Ou por algum tipo de vergonha ou apenas para não contrariar o entrevistador.

2.

INQ.- Tem gente que fala diferente aqui em Pedro Afonso?

INF.- Que eu conheço, não.

INQ.- Você não acha que as pessoas aqui falam diferente não?

INF.- [...]

INQ.- E esses modos de falar você disse que não tem, mas você nunca ouviu ninguém falando diferente? Por exemplo, nós três aqui, você não viu que nós duas falamos diferente de você não?

INF.- [...]

INQ.- A nossa professora, você não percebeu que ela fala diferente?

INF.- Não, num percebi não.

Ou seja, nos relatos, a atitude neutra está ligada a uma tentativa de não se posicionar perante o entrevistador porque tem receio de uma “avaliação” que esteja sendo feita sobre ele/ receio de estar sendo julgado pelo entrevistador.

Outro aspecto que pode ser observado nos relatos é um tipo de indução do inquiridor, quando este nota que seu informante é um pouco evasivo nas respostas, comumente nas perguntas que averiguam possíveis crenças negativas, como em: se há algum tipo de falar feio, etc:

2.

INQ.- Tem gente que fala diferente aqui em Palmas?

INF.- Tem.

INQ.- Tem, né? De onde, que o senhor vê que é diferente daqui? Porque o senhor é daqui mesmo. O senhor nota diferença em quem, assim, que o senhor vê falando?

INF.- **É que nem gaúcho, é mineiro, é esses.**

INQ.- Aqui tem de tudo, né?

INF.- Tem.

3.

INQ.- O senhor acha esses modos de falar diferente feio ou bonito, Seu Luiz?

INF.- É normal.

INQ.- É? Mas não tem nenhum que **incomoda** o senhor?

INF.- Tem não. (06/3)

O inquiridor, notando que o informante é esquivo quanto às perguntas, questiona se outras falas o “incomodam”, atribuindo um juízo de valor negativo. O mesmo ocorre na seguinte formulação: INQ.- O senhor gosta do jeito de falar do carioca, **ou não gosta muito, não?** INF.- Não, eu num [...] eu num sou muito assim não. (risos) Tem um timbre assim de, de mala, né, assim um [...] um sutaque [...] (risos)” (grifos nossos).

Há estratégias que o pesquisador precisa lançar mão para driblar as relações de poder na tentativa de obter empatia do entrevistado. O diálogo precisa ser agradável para se tentar diminuir a assimetria das relações de poder que não são perceptíveis a olho nu, mas estão presentes, até mesmo pela situação de perguntas e respostas. Há certa necessidade de se estabelecer um laço, uma ligação que torne o tempo juntos menos cansativo e que o entrevistado se sinta à vontade para responder às perguntas da forma mais “sincera” possível. Quando o pesquisador tenta buscar um “reforço positivo”, é clara essa necessidade de criar vínculo com o entrevistado, o que pode provocar no enviesamento das respostas. E, no caso de não se estabelecer essa relação amistosa, a forma responsiva do inquirido pode ser evasiva ou buscar uma possível neutralidade. Ou seja, quando não se estabelece empatia na interação, pode-se, também, comprometer os resultados do questionário de crenças e atitudes linguísticas.

Possíveis encaminhamentos

Com os primeiros trabalhos desenvolvidos no campo da Dialetoлогия, nasce também uma preocupação que perpassa as barreiras do tempo: a coleta de dados e a interação entre pesquisador e informante, preocupação essa já demonstrada por Gillieron em seu *Atlas Linguístico da França*. Técnicas e tipos de questionários, desde então, vem sendo testados, na tentativa de quebrar o que hoje se intitula pela Sociolinguística de “paradoxo do observador”. Nesse sentido, foi interesse desse texto funcionar como um caleidoscópio linguístico, com abundantes teorias e seus múltiplos reflexos propor algumas discussões e norteamentos para o fazer dialetológico.

No processo de coleta de dados dialetais, a interação exercida entre inquiridor e entrevistado pode ser caracterizada por uma relação de poder, em que o primeiro fornece a impressão de “superioridade intelectual”, enquanto para o segundo pode transparecer que o inquirido é um tipo de teste cognitivo, parecido com uma situação escolar, cuja figura do professor (inquiridor), busca as respostas “corretas”.

Contudo, cabe acrescentar que a situação de inquirido dialetal é uma interação entre duas pessoas, que comumente pouco ou nada se conhecem e que se comunicam durante algumas horas. Nesse sentido, é importante que o entrevistador tenha em mente que ele não é o dono da verdade, que não detém todo o conhecimento e deixe o falante fluir com seu diálogo.

Ainda, cabe ao pesquisador de campo, inicialmente, conhecer a fundo os objetivos gerais da pesquisa, assim como cada item inserido no questionário. É necessário que o treinamento da equipe seja contínuo, preferencialmente, com encontros periódicos para discussão e ajustes. Também é importante que a equipe discuta sobre possíveis estratégias de obtenção dos itens que apresentem maior grau de dificuldade. E que, antes de ir a campo, cada membro da equipe realize inquiridos experimentais, entrevistas-testes, para colocá-los em situações adversas, no intuito de que o pesquisador tenha contato com o maior número de dificuldades e desenvolva um bom senso de inquirição.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1992, 128 p.
- ALTHUSSER, Louis. **Posições 1**. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. **Crenças e atitudes linguísticas**: um estudo dos róticos em coda silábica no Norte do Paraná. 2013. 227 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 4. ed. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 189-214.
- BRANDÃO, Sílvia Figueiredo. **A geografia linguística no Brasil**. Série Princípios. São Paulo: Ática, 1991.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. Universals in Language Usage: Politeness Phenomena. In E. Goody (Ed.), **Questions and Politeness: Strategies in Social Interaction**. Cambridge: Cambridge University Press, 1978.
- CÂMARA Jr., Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2006.
- COMITÊ NACIONAL DO ATLAS LINGUÍSTICO DO BRASIL. **Ata da XVII Reunião do Comitê Nacional do Projeto ALiB**. São Luiz, 2004 (fotocopiada – circulação restrita).
- FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e introdução de Roberto Machado. 13.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.
- FOUCAULT, Michel. Poder e saber. In: Foucault, Michel. **Estratégia, poder-saber**. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 223-240.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis, Vozes. Trad. Raquel Ramalhete, 1994.
- GESSINGER, Humberto. Toda Forma de Poder. In: **Longe Demais das Capitais**. São Paulo: BMG: 1986. Faixa 1.
- JABERG, Karl; JUD, Jakob. **Der Sprachatlas als Forschungsinstrument, kritische Grundlegung und Einführung in den sprach- und Sachatlas Italiens und der Südschweiz**. Halle/Saale: Niemeyer, 1928.
- LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. BAGNO, M.; SCHERRE, M.; CARDOSO, C. 1ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008 [1972].
- LAMBERT, William W; LAMBERT, Wallace E. **Psicologia social**. Trad. Álvaro Cabral. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.
- MORALES, Humberto López. **Sociolingüística**. 3. ed. Madrid: Gredos, 2004.
- POP, Sever. **La Dialectologie**: aperçu et méthodes d'enquêtes linguistiques. Louvain: Chez l'auteur, 1950.

SILVA, Greize Alves da; AGUILERA, Vanderci de Andrade. Os atlas linguísticos brasileiros e o inquiridor: em busca de uma metodologia adequada. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, v. 12, n. 1. Londrina, 2009, p. 317-341. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/4247/4607>. Acesso em: 27 jan. 2022.

SILVA, Greize Alves da; BORGES, Patrícia. Andréa. Presença vs ausência de traços de ruralidade no léxico tocantinense. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [S. l.], n. 72, p. 83-105, 2019. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/157030>. Acesso em: 2 ago. 2022.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. 5.ed. São Paulo: Ática, 1997

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. *Trad.* Cléo V. Altenhofen; Filipe Neckel. In: **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.40, p. 82-107, jan/jun 2017. [2005] Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>. Acesso em: 03 fev. 2022.

VASCONCELOS, C. A.; YIDA, V. ; GHOLMIE, M.R.S. . Estratégias para a Obtenção de Respostas nos Inquéritos do ALiB: a questão 054 (aftosa) nas capitais do Centro-Oeste e Sudeste. **SIGNUM: Estudos da Linguagem**, v. 21, p. 32-54, 2018.

VENY, Joan. **Introducción a la Dialectología catalana**. Barcelona: Biblioteca Universitària, 1986.

WEINREICH, Weinreich; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical Foundations for Theory of Language Change. In: LEHMANN, Paul; MALKIEL, Yakov. (eds.) **Directions for Historical Linguistics**. Austin: University of Texas Press, 1968, p. 95-188.

Recebido em 05 de agosto de 2022.

Aceito em 11 de outubro de 2022.